

PARA ALÉM DE UMA EPISTEMOLOGIA DA APRENDIZAGEM: CARTOGRAFANDO MODOS DE SUBJETIVAÇÃO E PRODUÇÕES DE SENTIDOS NUM CORPUS DISCENTE

LISANDRA BERNI OSORIO¹; CARLA GONÇALVES RODRIGUES²

¹Mestranda do PPGE – FAE/UFPEL. Psicóloga da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis/ Núcleo Psicopedagógico de Apoio ao Discente/UFPEL. lisandra.osorio@ufpel.edu.br

²Professora da FaE/UFPEL. cgrm@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem a intenção de problematizar um aprender mais inventivo e articulado com modos de subjetivação de um *corpus* de discentes, e menos subordinado aos paradigmas da psicologia da aprendizagem, à linearidade da epistemologia genética e generalidades de conceitos que intentem verdades absolutas. Busca-se, na multiplicidade e singularidade do coletivo, agenciamentos com produções de sentidos, que ensejem transformações de si e do mundo.

Sabe-se empiricamente que a implementação de novas maneiras de ingresso na Universidade, como o Exame Nacional de Ensino Médio (Enem) e o Sistema de Seleção Unificada (Sisu), desencadeou o aumento do corpo discente tanto em termos demográficos, quanto em sua diversidade sociocultural, configurando um outro perfil de aluno no âmbito acadêmico. Nesse contexto, constatou-se que, no primeiro semestre do ano letivo de 2013, quinze por cento dos estudantes de graduação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), bolsistas da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) obtiveram aproveitamento inferior ao esperado, conforme normas da Coordenação de Integração Estudantil da PRAE. Isto é, seja por dificuldades de aprendizagem, seja por sofrimento psíquico e/ou outros motivos, não alcançaram o mínimo de setenta por cento, adotados como um dos critérios de permanência nas referidas bolsas, condição entendida como indispensável para a continuidade dos seus estudos.

Dessa forma, pensar sobre o processo de aprendizagem desses alunos e os modos de subjetivação que assolam suas vidas (KASTRUP, 2007; GUATTARI, 2004), tornam-se relevantes e justificam a presente investigação. Remete-se ao movimento pendular de, por ora abandonar formas pragmáticas do trabalho em grupo e individual realizado até então como psicóloga do Núcleo Psicopedagógico de Apoio ao Discente (NUPADI), em direção à concepção mais inventiva da aprendizagem, mergulhando no campo da experiência.

Nessa perspectiva, aborda-se a temática da aprendizagem sob a égide das Filosofias da Diferença, traçando um distanciamento de modelos em que subjazem a representação e os processos identitários, enquanto aprisionamento na imobilidade e na alienação do processo de aprender. Busca-se, em DELEUZE (2014; 2010), na gênese do ato de pensar o pensamento e na contingência do encontro daquilo que o força, o arrombamento fortuito do plano da imanência, a violência e a estranheza necessárias para uma aprendizagem produtora de sentidos. Concepção que adota o ato de aprender como invenção de problemas em um pensamento sem imagem, e não uma rasa solução de problemas pressupostos de uma imagem dogmática do pensamento, de reprodução de realidades ou de uma reconhecimento, pois

[...] aprendiz é aquele que constitui e inventa problemas práticos ou especulativos como tais. Aprender é o nome que convém aos atos subjetivos operados em face da objetividade do problema (Idéia), ao passo

que saber designa apenas a generalidade do conceito ou a calma posse de uma regra das soluções (DELEUZE, 2014, p. 160).

O objetivo da dissertação configura-se em cartografar modos de subjetivação, através da constituição de grupos-operativos como dispositivo capaz de potencializar a “passagem da alienação ou adaptação passiva num *bias* progressivo à adaptação ativa da realidade” (PICHON-REVIÉRE, 2009, p.14). Afirma-se que, à medida que um objeto é apreendido e transformado, também se transforma a si mesmo, num processo de invenção no tempo presente, dentro do processo grupal, onde subjazem necessidades e aspirações num contínuo movimento em espiral.

Através do arranjo proposto de aproximar método cartográfico, aprendizagem inventiva e grupos-operativos, engendra-se uma nova clínica. Não com intuito terapêutico, mas, como propôs BAREMBLITT (2004), uma Clínica com “K”, que toma o sentido da origem grega de *clinamen* de átomos que caem no vazio e colidem, produzindo o novo, afastando-se da concepção tradicional da posição passiva, de *clinos* (deitado) e de uma suposta relação hierárquica terapeuta-paciente.

2. METODOLOGIA

Na cartografia como método de pesquisa-intervenção, aciona-se o acompanhar de processos, onde metas e análises ocorrem durante e desde o início de sua realização. A metodologia cartográfica não pressupõe um modelo a ser seguido, ou um plano preexistente a ser executado. Fomenta seu fazer em rigor científico, ética e prudência. Na abertura do plano coletivo de forças que emanam do contexto da intervenção, acolhem-se intensidades e potência de criação.

Articular formas e forças, sem reduzi-las à dicotomia entre quantitativo e qualitativo, visa integrar esses modos investigativos, geralmente considerados de natureza diferente (CÉSAR; SILVA; BICALHO, 2013). Assim, constrói a possibilidade de um amplo olhar sobre a mesma realidade, atendo-se, em um primeiro momento, à análise de documentos relativos ao corpo discente [em termos aproximados, quinhentos alunos de um universo de três mil] que não atingiu aproveitamento acadêmico no primeiro semestre de 2013.

Para a realização dessa análise documental, criou-se uma tabela orientadora dos dados concernentes às características sumárias encontradas no acervo da Coordenação de Integração Estudantil (PRAE/UFPEL), no que tange a sexo, idade, naturalidade, vínculo familiar, curso, período do curso, ocorrência de reopção, natureza do curso, histórico de notas, entre outros. Dessa forma, com recurso de programas de informática denominados *epi info* e *spss*, procura-se traçar o mapeamento desses discentes, interrogando o fator exclusivo de “aprendizagem”: O que pode estar encoberto nesse “baixo aproveitamento”? Medir sob este enfoque, “é encontrar os pontos de fissuras e de quebra nas formas constituídas acessando um plano de quanta de força em luta, imprevisível em seus efeitos (quali). É também intervir no presente dessas lutas” (CÉSAR; SILVA; BICALHO, 2013, p. 365). Concomitantemente, realiza-se estudo bibliográfico que fundamenta a abordagem acerca da aprendizagem inventiva, do trabalho com grupos e sua transversalidade (PICHON-REVIÉRE, 2009; BAREMBLITT, 1998; GUATTARI, 2004).

A parte que confere intervenção em grupo de aprendizes, aproxima-se, metodologicamente, à realização de “grupo focal”, o qual “permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado.” (GATTI, 2005, p. 9). Contudo, não consiste em uma coleta de

dados, mas em transformação de uma dada realidade. O grupo será composto de doze discentes, escolhidos o mais heterogeneamente possível (sexo, natureza do curso, semestre em que se encontra, lugar de origem), dentro do plano comum que é o de ser bolsista da PRAE e não ter atingido aproveitamento acadêmico no período mencionado. Antes do início dos dez encontros semanais, será realizada entrevista individual com cada integrante, colhendo a singularidade de seu aprender, momento em que será convidado a participar, dentro de espaço institucional já existente para trabalho grupal. Numa prática esquizoanalítica, a formação de um grupo-operativo sob a tarefa da aprendizagem, onde se intenciona facilitar um cenário que produza sentidos no aprender e a partir dele e nele próprios, crie novos estilos de “inventar problemas”, agenciamentos potentes, que serão analisados durante todo o movimento dos desejos que se articulam no seio grupal.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em virtude de esta cartografia estar em desenvolvimento, consubstancia-se dos achados em estudos¹ e observações realizados em seu *lócus* e *corpus*, dialogando com a pertinência desta pesquisa-intervenção, tanto em sua análise referente às dificuldades acadêmicas dos estudantes universitários [decorrentes de abrupto crescimento e de diversidades], quanto em direção às transformações no campo da Educação. Analisa-se que os discentes da presente investigação encontram-se predominantemente na fase da adolescência, submersos em multiplicidades e intensidades a ela inerentes, oriundos de outras cidades e estados, distanciados de suas famílias, passando por prejuízos de diferentes naturezas e necessitando de apoio em grupos sociais.

Observa-se a prevalência de sofrimento psíquico, no que tange à depressão e à ansiedade, complicações na concentração e adaptação, assim como dúvidas sobre sua sexualidade, impasses nos relacionamentos afetivos e em sua nova vida (SILVA *et al.*, 2011; VALLILO *et al.*, 2011). Evidencia-se, até o momento, que o grupo do estudo manifesta impedimentos mais significativos em seu aproveitamento acadêmico em dois momentos: no início e no final de sua graduação, podendo ocorrer conflitos de cunho subjetivo também em todo seu processo. O cansaço e a desmotivação aparecem como fatores que prejudicam sua aprendizagem. Dessa forma, aposta-se que a captura de modos de subjetivação que produzam sentidos e ensejem uma aprendizagem inventiva, criando-se problemas (DELEUZE, 2014) nas linhas do desejo (ROLNIK, 2011) e no campo da experiência, podem transformar essa realidade, pois, como afirma KASTRUP (2007), aprender é ser capaz de problematizar.

4. CONCLUSÕES

Conhecer parte das contingências impeditivas do aprender permite pensar que o dado quantitativo revelado pelo não aproveitamento, não emite um signo por si isoladamente e não denuncia uma dificuldade de aprendizagem propriamente dita e indelével, mas reverbera um emaranhado de subjetivações que se tornam obstáculos em seu percurso. Assim, cartografar o grupo de universitários, articula-se

¹ Em 2014, concluíram-se duas pesquisas, uma realizada pela Prof^a Fae/UFPel, Carla Gonçalves Rodrigues, com o foco no Sofrimento Psíquico do discente, e outra realizada pelo Núcleo Psicopedagógico da PRAE/UFPel referente à qualidade de vida dos moradores da casa do estudante e variáveis que possam interferir na aprendizagem.

a uma Clínica Inventiva dos modos de subjetivação e produção de sentidos. Diante das mudanças que ocorrem no cenário de ingresso na universidade, o aumento da população acadêmica e sua diversidade sociocultural, tornam-se necessárias intervenções que transformem o impacto daquelas e que capturem suas subjetividades num processo de criação. Logo, pensar a aprendizagem que se deleita nos escombros numéricos de um não saber, transfigura-se potente, capaz de provocar mudanças na realidade de seu *corpus*, num *continuum* estado de devir, desvitalizando resquícios deterministas, e revelando que no grupo afirma-se um simulacro de uma existência capaz de produzir criação de si e do mundo.

Corpo que dá passagem ao imanente; Ao que não se pressente; Reluz com vigor aquilo que dobra; Se transforma; Em Outro, metamorfose do Mesmo; Intempestivas páginas da história do aprendiz; Mirar ali o que olhava antes, mas não tinha visto; Janelas que se abrem; Novos sentidos, subjetivações; Sensível do que percebe; Sente, incorpora, corporifica, aprende...

(nuances de um *devir* cartógrafa-aprendiz, mar/2014)

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAREMBLITT, Gregório. **Compêndio de Análise institucional e outras correntes:** teoria e prática. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos, 1998.
- CÉSAR, J. M.; SILVA, F. H.; BICALHO, P. P. G. O lugar do quantitativo na pesquisa cartográfica. **Fractal: Revista de Psicologia**, vol.25, n 2, maio/ago 2013, p. 357-372.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição.** Trad. De Luiz Orlandi e Roberto Machado. 2012. Acessado em 23 março 2014. Online Disponível em: <http://pt.slideshare.net/Willroy/deleuze-gilles-diferenca-e-repetio>
- _____. **Proust e os signos** .Trad. de Antonio Piquet e Roberto Machado. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas.** Brasília: Liber Livro, 2005.
- GUATTARI, Félix. **Psicanálise e Transversalidade:** ensaios de análise institucional. Tradução Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Ideias & Letras, 2004.
- KASTRUP, Virgínia. **A invenção de se e do mundo:** uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- PASSOS, E., KASTRUP, V. e ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PICHON-REVIÈRE, H. **O processo grupal.** Martins Fontes, 8ª Ed. São Paulo, 2009.
- ROLNIK, S.. **Cartografia Sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; editora da UFRGS, 2011.
- SILVA, V. L. dos S.; CHIQUITO, N. do C.; ANDRADE, R. A. P. de O.; BRITO, M. de F. P.; CAMELO, S. H. H. Fatores de estresse no último ano do curso de graduação em enfermagem: percepção dos estudantes. **Revista de Enfermagem (UERJ)**, v. 19, n. 1, p. 121-6, 2011.
- VALLILO, N. G.; JÚNIOR, R. D.; GOBBO, R. NOVO, N. F.; HÜBNER, C. V. K. Prevalência de sintomas depressivos em estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Clínica Médica**, v. 9, n. 1, p. 36-41, 2011.